

Um molde fashion

Ditadura da moda prende e transforma corpo humano

ALINE MESSA, BRUNA BRASIL, BRUNO DIEGUEZ E ELEONORA GUERRA

alinemessa@yahoo.com • bruna_brasil@hotmail.com • zeugch@hotmail.com • elonorasguerra@yahoo.com.br



apas de revista, desfiles de moda, manequins nas vitrines e academias lotadas de pessoas em busca do corpo perfeito. Difícil pensar em moda e não fazer uma associação direta com um mundo fútil e dispensável. Mas o catálogo da relação moda/corpo vai além dos clics imediatos e passageiros. A moda é mais antiga do que se imagina e sua intervenção sobre o corpo humano mais importante para a história da sociedade do que uma simples coleção da nova estação.

Estilistas, jornalistas de moda, algumas *fashion victims*, mas também antropólogos, psicólogos, teóricos da comunicação e outros estudiosos têm se ocupado com essa discussão. Para a maioria deles, a moda representa algo além da formatação de uma imagem desejada do corpo. "A moda é reflexo do tempo e da sociedade. É uma linguagem que se manifesta sobre o corpo e encontra nele um veículo de significações que permite o diálogo entre os homens", afirmou a antropóloga espanhola Bárbara Paulsen.

Gilson Monteiro, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), acha que a moda representa uma espécie de espe-

lho. "Quando o consumidor decide comprar uma roupa, ele está comprando sua própria alma, para se refletir no outro. Está comprando também toda a representação imagética de grupo que a vestimenta representa", explica Monteiro.

O corpo é o primeiro e mais imediato contato com o mundo externo. É natural que as pessoas se preocupem tanto em trabalhá-lo e adorná-lo. A

questão está em quem comanda essa relação. Devemos falar em moda do corpo ou corpo da moda? O natural seria ver a moda como decorrência da cultura e um serviço. Mas, na prática, é a moda que procura moldar e ditar o corpo. É a "ditadura da moda". Não é a moda que se redimensiona ao seu corpo, mas você que tem a obrigação de estar enquadrado nela.

A discussão não é nova, mas ganha destaque crescente com a profusão do comércio de transformação do corpo. Para Diana Galvão, do Núcleo de Moda da Universidade Anhembi Morumbi, as alterações físicas hoje estão ao alcance de muitos, assim como o culto e a educação desse novo corpo. "O corpo se torna a tela ideal para a auto-expressão do sujeito, no qual o indivíduo pode remodelá-lo, manipulá-lo e gerenciá-lo. Os limites para até onde

**"Não sou projetada.
A coxa é minha, o
abdome também.
Inclusive o peito é
meu, eu comprei ele
(sic)"**

Joana Prado, a Feiticeira.

se pode ir, se expressar através do corpo são cada vez mais extensos e audaciosos", explica Diana.

Os meios de comunicação de massa são grandes divulgadores desses modelos. Um exemplo notório é a Feiticeira, personagem de Joana Prado em um programa de TV que ganhou alguma sobrevida ao fazer do próprio corpo um palco para experimentações. "Não sou projetada. A coxa é minha, o abdome também. Inclusive o peito é meu, eu comprei ele (sic)", disse ela em setembro de 2000 à revista *Veja*.

O mundo *fashion* gira em torno de aquisições financeiras e se fortalece a partir da aplicação de valores a peças de roupas e aos corpos que as vestem. Segundo o estilista Ronaldo Fraga, o que os desfiles menos vendem são roupas. "Comprar a alma da Gisele Bündchen em uma peça de roupa não traz o corpo imaginário da *top*, mas cria essa ilusão. O problema é ter ou não consciência dessa dificuldade de lidar com o desejo de ter e pertencer a um corpo determinado", aponta Fraga.

Essa necessidade de se igualar a uma imagem conhecida não é unânime. Pelo menos é o que dizem alguns especialistas, que identificam posturas válidas em relação à moda. "Vestir é, em todas as épocas, um ato de diferenciação e essencialmente um ato de significação", diz a historiadora Mary del Priori.

O estilista Carlos Tuefvesson concorda e acha que a moda deve ser encarada como uma busca incessante de uma roupa que melhore o corpo da mulher. "A função da moda é servir ao corpo, torná-lo mais dinâmico e estético. É por isso que trabalho fazendo a roupa a partir do corpo", afirma Tuefvesson.

Prendendo a respiração

Você consegue imaginar um médico e um estilista conversando? Pois há tempos eles discutem, e muito, a influência da moda na saúde do corpo. A primeira crítica médica documentada partiu de Hipócrates. Ainda na Grécia Antiga, ao notarem a deformação de seus seios com o passar da idade, as mulheres inventaram o que seria o precursor do sutiã: faixas mamilares que sustentavam os seios e comprimiam o tórax. Mas não foi nos corpos das mulheres que as tais faixas foram utilizadas pela



Modelos de Azzedine Alaïa usando vestidos que marcam o corpo (1987)

primeira vez. Nos recém-nascidos, panos apertados garantiam mais segurança, ao mesmo tempo em que modelavam o pequeno corpinho.

A moda trouxe uma série de opções aos homens para corrigir aspectos biológicos indesejáveis. O exemplo mais conhecido é o do espartilho de metal ou barbatana. A peça teve origem na escultura medieval, que, se opondo à tradição do nu clássico, valorizava uma cintura delgada, obtida com sacrifício. De acordo com a estética da época, quanto menor o tórax, mais bonito. Para maiores efeitos, as mulheres encaixavam uma haste de madeira dura na frente do espartilho, alongando o corpo.

A Faculdade de Paris chegou a divulgar uma relação de doenças atribuídas ao uso do espartilho, como hemorróidas, deformação da espinha dorsal, hemorragias, abortos e deslocamento do útero. No final do século XVIII, o alerta dos médicos mostrou-se insuficiente, culminando com o fenômeno que ficou conhecido como "Distúrbios da Musseline". A moda então era usar uma longa túnica de tecido transparente, até o tornozelo, com cintura alta e amplo decote, deixando à mostra boa parte dos seios. As pernas ficavam expostas e os pés eram exibidos em sandálias levíssimas. Essa nudez excessiva gerou uma epidemia de gripe que fez numerosas mortes em 1803.

Mas o que dizer dos atuais sutiãs com bojos contornados por bases metálicas, muitas vezes com curva menor que a volta do seio? Será isso um retrocesso? Será que no futuro essa peça não será lembrada da mesma forma como lembramos do


espartilho hoje? O tempo passa, mas a polêmica entre a moda e a medicina continua.

Esculpindo o corpo

Na relação entre moda, corpo e avanços médicos, o corpo natural se desnaturaliza. Às vezes, seguindo exigências impostas pela sociedade ou mesmo desejos pessoais. Em um mesmo corpo existem vários outros, atualizados por manipulações da aparência. A criatividade humana para concretizar exemplos neste sentido é infindável, tanto quanto os recursos utilizáveis. Botox, silicone, estica daqui, puxa dali...

"Tem gente que faz de tudo: tira costela para ter cinturinha, tira dente para afinar o rosto, cerra osso, tudo o que puder fazer... Pessoas que são magras e fazem lipoaspiração no corpo inteiro!", diz indignada a modelo Patrícia Gandara.

A atual geração de mulheres e homens é a primeira com poder de controlar o ritmo e as condições de envelhecimento. É o caso do botox,


Roupas e acessórios se tornam um meio de promover trocas com o imaginário, camuflando sentimentos de impotência e até mesmo de vergonha.

que é injetado em regiões da face com o objetivo de suavizar e restringir o aparecimento de rugas.

O silicone começou a ser utilizado no início dos anos 60 como um recurso estético para recuperar a auto-estima. A experiência da Miss Brasil 2001, Juliana Borges, que fez 19 intervenções na silhueta, mostra como a cirurgia plástica se moderniza e avança no país. "Não imaginava que fosse causar tanto alvoroço", defendeu-se a modelo. Com 1,80 metro e 58 quilos, ela aumentou o busto para chegar aos

90 centímetros. Lipoaspirações na

barriga e nas costas afinaram a cintura para os atuais 60 centímetros.

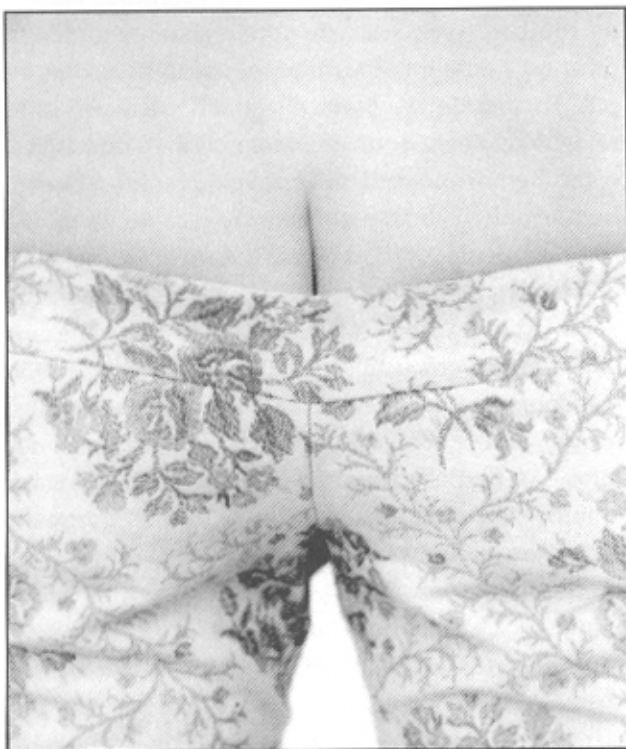
Segundo a assessoria de imprensa da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, foram realizadas 370 mil cirurgias no ano passado. Dessas, cerca de 28 mil para implante de silicone. A explicação para os números está na qualidade das novas próteses mamárias. "O produto, agora, oferece credibilidade. Os silicones são revestidos de poliuretano, o que trouxe índices muito menores de endurecimento, dor, desconforto e assimetria entre as mamas", justifica o cirurgião plástico Altamiro da Rocha Oliveira.

Estar em forma é ser magro, ter corpo durinho e músculos definidos? Este é o sonho que faz lotar as academias. Homens e mulheres de todas as idades dedicam horas de agendas corridas ao esforço de eliminar gorduras, afinar a silhueta e, enfim, ter o prazer de se olhar no espelho.

Última volta na passarela

A moda é uma forma de compensação simbólica. Para o psicanalista francês Jacques Lacan, roupas e acessórios se tornam um meio de promover trocas com o imaginário, camuflando sentimentos de impotência e até mesmo de vergonha do limite que o corpo impõe ao ser humano. "Desde que existe a moda, o corpo é construído em diferentes formas pela utilização de recursos considerados ideais para a construção da beleza, sempre redefinindo o gosto pelo novo através de mecanismos artificiais e não menos sacrificantes. Hoje, constrói-se e desconstrói-

Phil Poynter



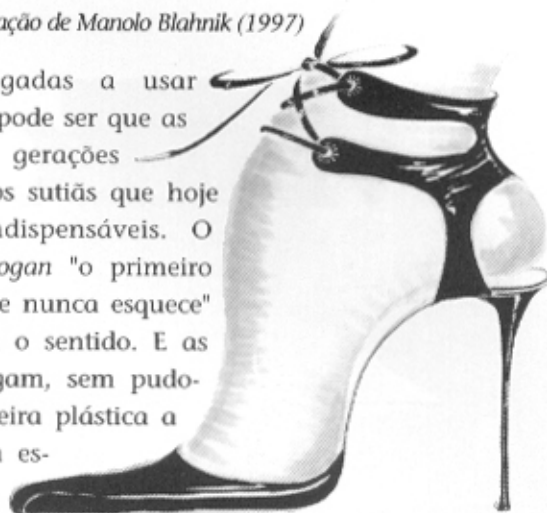
Calça de cintura baixa do estilista Alexander McQueen (1996)

se o corpo afetando a própria percepção do corpo natural", afirmou a museóloga Vera Lima.

A pesquisadora de moda Carol Garcia, da Universidade Anhembi Morumbi, vê na moda uma relação de paradoxos entre permanência e mudança, identidade e alteridade, tradição e inovação. "O que mais encanta nas passarelas é a ilusão de que tudo muda sempre, mesmo sabendo que nada muda nunca", contou Carol.

Novidade ou não, a moda é uma passarela que registra as transformações da sociedade. Se hoje não suportamos a idéia de que um dia as mulheres

foram obrigadas a usar espartilhos, pode ser que as próximas gerações estranhem os sutiãs que hoje parecem indispensáveis. O badalado slogan "o primeiro sutiã a gente nunca esquece" talvez perca o sentido. E as meninas digam, sem pudores, "a primeira plástica a gente nunca esquece".



Outras peças no armário

Dentro do armário, outras peças polêmicas. Elas incomodam, mas satisfazem como ninguém os desejos de quem as usa, especialmente das mulheres. Salto alto, meia-calça, *jeans saint tropez*, cinto, sutiã, sapato de bico fino... a lista pode ser infinita. Tanto incômodo vale mesmo à pena? Para muitos, parece que sim. "O que é um salto alto? A mulher fica um espetáculo, parece que as pernas alongaram metros! Dói pra burro! Ainda mais em uma festa, em que se dança, se anda pra lá e pra cá... Mas vale muito à pena. No dia seguinte é só ficar de molho, com as pernas pra cima, e passar um creme relaxante nas panturrilhas", aconselha a estudante Marcela Coelho.

Pior que um belo salto alto, só um belo salto alto de bico fino. O hábito aumenta a incidência de joanetes e unhas encravadas. Já o uso constante de salto alto tende a levar ao encurtamento dos tendões. Saltos muito altos e finos podem provocar até o surgimento de varizes nos pés. A necessidade de equilíbrio que ambos requerem força a coluna e pode causar ou agravar problemas como lordose e escoliose.

Subindo mais um pouco pelas pernas estão as meias-calças. Lindas para a moda, elas também podem ser lindas para a saúde. Dependendo da qualidade, há um controle da pressão que a meia exerce ao longo de vários pontos da perna, estimulando o retorno do sangue venoso, prevenindo ou remediando problemas vasculares, como varizes. O desconforto mais comum é o calor que provocam.

O cinto é outro artefato curioso. Quando questionada a sua funcionalidade de segurar as calças, a maioria dos entrevistados, homens e mulheres, disse que usam cintos sim, mas como mero enfeite (vide os modernos e gigantes cintos sobre vestidos). E, ao contrário do que se poderia imaginar, de preferência frouxos, já que quando muito apertados realçam a gordura localizada da barriga e a calça (ou saia), ainda fica "enrugadinha" em cima. Desconfortável? "Certamente, e às vezes causam até gases", responderam os entrevistados.

As calças *saint tropez* são polêmicas. Enquanto umas só as querem, outras tentam fugir delas. Hoje, são quase uma imposição da moda, apesar de

tenderem a desvalorizar o corpo feminino. Está certo, umbigo de fora é sexy, mas a perda da cintura e o realce de gorduras localizadas não. Além disso, não é muito agradável sentar-se usando uma *saint tropez*. "É um saco! Não sou mais garotinha para usar calças tão baixas, e é quase impossível achar calças um pouco mais altas. Acho um desrespeito essa ditadura da moda e da mídia", reclama a empresária Fernanda Vianna. Já as calças muito apertadas, como as de couro e as de *stretch*, contribuem para o surgimento de varizes e celulites, por dificultarem a circulação nas pernas. E mesmo assim são as mais vendidas.

Até o sutiã, peça básica no guarda-roupa das mulheres, pode ser um inimigo. Quando muito apertado, para, quem sabe, "valorizar" um pouco os seios, pode causar dores e diversos problemas nas glândulas mamárias.

Como muitas vezes a vaidade prevalece sobre o bom senso, as ditas peças "polêmicas" deveriam ao menos ser usadas com moderação. Na hora de se vestir, a saúde do corpo não pode ser esquecida.